

## ANÁLISE SEMÂNTICA DO POEMA “A CHUVA CHOVE” DE CECÍLIA MEIRELES: UMA PROPOSTA PARA PROFESSORES DE LITERATURA BRASILEIRA.

MARCO ANTONIO PALERMO MORETTO

O poeta Mário Quintana escreveu, com muita propriedade um poema que diz o seguinte: “Os poemas são pássaros que chegam não se sabe de onde e pousam no livro que lê. / Quando fecha o livro, eles alçam vôo como de um alçapão. / Eles não têm pouso nem porto. / Alimentam-se um instante em cada par de mãos e partem. / E olhas, então, essas tuas mãos vazias, / Na maravilha do espanto de saberes que o alimento deles já estava em ti...”

Tendo em vista a beleza poética e a tentativa de definição de poema, apresento uma reflexão sobre o poema de Cecília Meireles com o objetivo de mostrar uma possível leitura desse texto, não a única, mas uma possibilidade, pois sabemos que um texto não pode e não deve ter uma única leitura (Moretto, 2003). Precisamos dele, contudo, para evitar a loucura, a aridez da vida, e poder sonhar. Como os poetas fazem em seus textos, ofereceremos a possibilidade de viagens e sonhos. A arte permite isso.

O texto selecionado para essa viagem é o soneto *A chuva chove*, em que Cecília Meireles observa a realidade física e a relaciona com a alma. Nele, o ser humano mistura-se com a natureza. A realidade passa rápido, a alma tenta preservá-la, a insegurança existe no Homem, tudo é frágil, tudo é um sonho. Vejamos o poema:

A chuva chove

A chuva chove mansamente... como um sono  
Que tranqüilize, pacifique, resserene...  
A chuva chove mansamente...Que abandono!  
A chuva é música de um poema de Verlaine...

E vem-me o sono de uma véspera solene,  
Em certo paço, já sem data e já sem dono...  
Véspera triste como a noite, que envenene  
A alma, evocando coisas líricas de outono...

Num velho paço, muito longe, em terra estranha,  
Com muita névoa pelos ombros da montanha...  
Paços de imensos corredores espectrais,

Onde murmuram, velhos órgãos, árias mortas,  
Enquanto o vento, estrepitando pelas portas,

Revira in-fólio , cancioneros e missais...

Ligada a um grupo de escritores espiritualistas, Cecília Meireles foi considerada uma escritora com elevada tendência espiritual, e muitos de seus textos apresentavam características de uma estética literária denominada Simbolismo. Por pertencer ao movimento modernista, ela rompe com o passado literário mais formal e é incluída nesse grupo mencionado. Era a década de 1920.

A literatura enriqueceu-se com os textos de Cecília Meireles. A autora fala de temas variados e, ao captar o mundo que vê, relaciona elementos, descreve, nomeia, coloca cores e tons, apela aos sentidos, uma vez que o mundo é agradável aos sentidos; a poetisa eterniza a beleza que é passageira, efêmera, breve. Uma de suas características mais marcantes é justamente a contemplação do que é breve na vida.

#### UMA PROPOSTA DE VIAGEM

Podemos começar esta análise falando sobre o uso das reticências. Bastante freqüente, elas interrompem a narração do eu-lírico e marcam pausas. É como se a autora não quisesse terminar o verso, a idéia, e nos convida à reflexão. No primeiro verso, tem-se a impressão de que a chuva não vai mais parar de cair, a natureza vai prosseguir em sua atividade reconstrutora da vida. Nota-se , posteriormente, que as reticências aparecem no 2º, 3º e 4º versos e a idéia de algo que não terminou permanece. As reticências são encontradas durante todo o poema como no 2º e 4º versos do 2º quarteto e no 1º verso do 1º terceto uma vez que elas abrem o período para a continuação do verso anterior, e fica estabelecida uma conexão entre eles, que mantêm a idéia de seqüenciamento ininterrupto: “outono... Num velho paço.” As reticências aparecem ainda no 2º verso do 1º terceto e no final do texto (3º verso do 2º terceto), provocando o mesmo efeito de sentido.

Uma marca de entonação está no texto, o ponto de exclamação – “Que abandono!” Nesse trecho, parece que a autora realça e destaca a sensação de abandono que a chuva pode significar no eu-lírico e também no leitor.

Observando de perto o uso das classes gramaticais, percebe-se o emprego de muitos adjetivos, como solene, triste, velho, imensos, mortas, os quais vinculam-se pela significação de melancolia, de saudade, de recordação.

Esses comentários sobre aspectos gramaticais mostram algumas particularidades do estilo da autora, porém é objetivo maior dessa reflexão a discussão dos significados que o texto pode oferecer. Assim, proponho um exame das conexões semânticas estabelecidas pela autora. A ordem de apresentação revela-se importante também, razão por que seguirei a ordem de composição do texto.

Para compor o título, a figura de linguagem chamada de *aliteração*, que é a repetição de consoantes, é explorada como recurso estilístico. No caso, temos o som do ch duas vezes: chuva e chove, numa seqüência palatalizada indicando movimento. Um substantivo e um verbo tradicionalmente impessoal, empregado com sujeito explícito são empregados. Qual seria a intenção da autora ao fazer essa construção? Parece que é mostrar uma cena, um acontecimento da natureza, tornando em agente um sujeito inanimado.

Algo está acontecendo na natureza, mas parece que é um sono. Há o emprego do conectivo, a chuva é como um sono e um sono traz paz, tranqüilidade, serenidade. Parece ser esta a idéia: a chuva significa paz. E quantas vezes observamos, quietos, o cair da chuva; é bom ficar em casa, aconchegado. O segundo verso parece confirmar essa idéia: a chuva tranqüiliza, pacífica, torna tudo sereno novamente. Esse cair é manso, há um abandono. Abandono de quem? Da natureza? Do homem? Da mente? O último verso apresenta uma metáfora: “A chuva é música...” e música de um poema de um escritor simbolista. Se a chuva é música é porque é boa, e pode nos levar a muitos lugares, a viagens do inconsciente. O uso da metáfora é muito significativo nessa estrofe. Segundo Garcia (1978), existem na metáfora semelhanças percebidas pelo espírito entre traços de dois elementos.

A segunda estrofe parece apresentar significados que lembram recordação, memória, referências a lugares e tempo indeterminados, uma verdadeira viagem ao inconsciente, proposta dos poetas simbolistas. Vem à mente do eu-lírico um sono, que pode ser a entrada para esse lugar desconhecido, um paço, um local largo. Essa recordação conecta-se a uma tarde triste e envenena a alma. Uma recordação melancólica. Importante observar que essa estrofe apresenta períodos de tempo: véspera, noite, outono. Ou seja, tarde que pode ser vista como fim, noite como solidão e outono, estação anterior ao inverno que já apresenta o frio, o cair das folhas, a angústia, a nostalgia.

O primeiro terceto apresenta novamente a palavra “paço” que agora está longe, em “terra estranha” e nesse paço existe névoa nos “ombros da montanha”. A inserção do termo névoa que seria um tipo de neblina também é típica dos poetas simbolistas.

Uma descrição que torna tudo sem contornos definidos, algo que não está muito claro, confuso, semi-escondido. Esses paços possuem largos corredores. Nesse caso, corredores levam à vários lugares, que lugares seriam esses? Outro ponto para a reflexão do poema. Os corredores são espectrais, ou seja, não são concretos, pois espectros são fantasmas, espíritos, algo não material.

O segundo e último terceto ainda faz uma referência aos paços e aos corredores, pois é neles que murmuram órgãos e árias. Duas referências à música, outra também marca recorrente dos simbolistas. Esses dois termos são símbolos importados: os órgãos são instrumentos tocados em missas (talvez a véspera solene), em igrejas, e a ária um tipo de composição musical mais triste, mais melancólica. Esta ária já sem melodia, morta. Nesse terceto é importante observar o termo “vento” que é típico de imagens e cenas nas quais predomina o abandono, a solidão. Poderia ser a recordação entrando na mente do eu-lírico. Bate as portas, vira folhas dos cancioneiros (livros que agrupam muitos poemas antigos como as cantigas da Idade Média) e os missais (livros usados nas missas). Tudo isso é muito antigo, muito distante na memória, e vem de lugares distantes.

Para nós, professores de literatura, é muito comum após a leitura de um poema, esboçar uma conclusão geral sobre o que foi lido. No entanto, é preciso destacar que essa conclusão prende-se a toda a estrutura do texto, do qual foram retiradas pistas, deixadas pelo próprio autor para que pudéssemos desvelar esses conceitos. Por isso, não é possível realizar uma única leitura do texto. Por isso, há aqui a sugestão de um caminho possível de explanação em sala de aula.

O eu-lírico observa o cair da chuva, que estimula um sentimento de paz porque é música, refere-se aos sentimentos, ao lado sensorial. Essa observação da chuva faz com que o eu-lírico lembre-se de fatos que aconteceram há muito tempo, essas recordações são variadas e cada leitor pode lembrar de algo que aconteceu em sua vida e voltar a vivê-las. É o vento que aparece no texto.

Na seqüência da atividade de exame do texto, o professor pode explorar os vários significados dos termos utilizados no discurso poético. Pode-se fazer uma reflexão sobre

esses termos e pensar sobre a importância que eles assumem no texto. Faça uma lista desses termos com alguns possíveis significados que podem oferecer:

1. Chuva – prepara a alma para a recordação, para momentos de reflexão, aparece no texto como pacificadora, deixa a alma serena, é música, é sonora, pode facilitar uma ida a lugares da mente que são inconscientes, facilita a lembrança;
2. Sono – é o estado do corpo que facilita uma viagem ao mundo do inconsciente, é o mundo interior do eu-lírico, é por ele que entramos no reino da recordação, da memória, da realização de sonhos;
3. Véspera – época de alegria, agora é passado, sua recordação pode trazer tristeza;
4. Noite – solidão, período do dia propício à recordação, à lembrança, à reflexão e ao pensar, ao sono e ao sonho;
5. Paço – memória, local onde estão as recordações de outras épocas da vida;
6. Vento – é o que traz as lembranças, é o movimento, a dinâmica da recordação, são as lembranças invadindo a mente.

É possível fazer também, numa análise semântica uma organização por grupos que aparecem no texto para uma relação com a produção do sentido do texto. Por exemplo:

. **Natureza:** chuva, névoa, montanha, vento.

. **Períodos de tempo:** véspera, noite

. **Sentimentos:** tranquilidade, paz, serenidade, tristeza, lirismo, recordação.

. **Figuras de linguagem:** aliteração (“a chuva chove”); metáfora (“A chuva é música...”), prosopopéia (“o vento revira...”)

Para concluir este trabalho, poderia sugerir aos professores de literatura brasileira que oferecessem aos seus alunos, a oportunidade de manifestarem suas opiniões de maneira livre, sem compromisso com uma certeza ou uma classificação apenas teórica e formal do poema. Os alunos podem expressar sua subjetividade, estabelecer conexões, relações, mergulhar em suas experiências de vida e assim poderão refletir sobre essas experiências, modificá-las, entendê-las. Paralelamente a esse trabalho, um estudo dos recursos que a língua pode oferecer para incentivar a leitura de poemas será bem-vindo. Essa atividade, com certeza, poderá trazer um grande prazer aos alunos e leitores, incentivando uma aproximação mais efetiva entre leitor e texto poético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1978.

MEIRELES, Cecília. *Seleção em Prosa e Verso*. José Olympio Editora: Rio de Janeiro, 1973.

MORETTO, Marco Antonio Palermo. *O Professor Reflexivo e a Construção Colaborativa dos Sentidos do Texto*. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

QUINTANA, Mário. *Esconderijos do Tempo*. 4ª edição., L& PM, Porto Alegre, 1980.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.